Ano 28.º — Sábado, 7 de Setembro de 1935 — N.º 1387

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

ALBANO COUTINHO

Morreu o venerando republicano e antigo propagandista

Uma eloqüente despedida do dr. Alberto Souto

Quando na passada sexta-feira já tínhamos o jornal paginado e pronto a entrar na máquina, um telegrama de Mogofores anunciou-nos que, em conseqüência duma síncope cardiaca, havia falecido, às 14 horas, o velho republicano Albano Coutinho.

Mais um!—exclamámos. E dos mais veneráveis, dos mais sinceros e dedicados.

Com efeito, Albano Coutinho marcára uma directriz ao entrar na política e até o fim da sua longa existência se manteve com aprumo, com dignidade e com galhardia.

Não pretendemos, nem podemos, sob pena de, com isso, ocuparmos todo o espaço do jornal, dizer tudo quanto consta e sabemos da biografia de Albano Coutinho, que, tendo nascido em Lisbôa a 5 de dezembro de 1848, contava 87 anos incompletos. Todavia, nesta hora de acabrunhamento e de luto por vêrmos cada vez mais reduzidas as fileiras dos prosélitos da República, deixem que fixemos êstes pontos:

Fez os preparatórios no liceu da capital, foi aluno do Curso Superior de Letras e do Instituto Geral de Agricultura e começou a escrever para os jornais tinha 18 anos, ensaiando-se, como folhetinista, na *Gazeta de Portugal* e no *Economias*, jornais então dirigidos por António Augusto Teixeira de Vasconcelos e Eduardo Tavares.

Em 1871 publicou o opúsculo *Cinco dias em Madrid*. Em 72 fez a sua profissão de fé política no semanário *República Portuguesa*, que se publicava em Coimbra, redigido por Magalhães Lima, Alves da Veiga e Alves de Morais. Em 1873 foi nomeado chanceler do Consulado da República Argentina, em Lisboa. Nessa época (1873-74), escreveu muitos artigos na Imprensa diária de Lisbôa e Pôrto, especialmente no extinto *Diário da Tarde*, desta última cidade.

Alistado no partido republicano, Albano Coutinho escreveu durante alguns anos na *Democracia* e fez parte dos primeiros trabalhos de propaganda iniciados em Lisboa em 1873, sendo um dos sinatários do primeiro manifesto que precedeu a fundação do Centro em 1871. Nêste ano, por convite de seu pai, foi residir para Mogofores, dedicando-se à viticultura.

Albano Coutinho demonstrou ser um dos mais estrénuos defensores dos interêsses agrícolas da região da Bairrada, sendo nomeado, em 1883, vogal da antiga comissão anti-filoxérica do norte, presidida pelo falecido visconde de Vilar d'Alen e com sede no Pôrto.

A-pesar-de entregue à viticultura, nunca abandonou os seus trabalhos literários. Em 1879 escreveu a comédia, em 3 actos, *A filha do comendador*, para a inauguração do teatro de Anadia. Publicou, em folhetins, no *Partido do Povo*, de Feio Terenas, o *Divórcio*, romance, e reüniu, em volume, sob o título *Ociosos* os seus escritos dos vinte anos. Colaborou em vários diários do país. Foi presidente da Sociedade das Aguas da Curía, que se fundou em 1900 para explorar as nascentes minero-medicinais daquêle lugar. Fez várias viagens pelo estrangeiro, tendo representado o país no Congresso de miniatura efectuado em Lyon, em 1894.

Depois de proclamada a República, Albano Coutinho foi nomeado governador civil de Aveiro e eleito deputado às Constituintes por êste círculo. Era amigo político e pessoal de António José d'Almeida, tendo, por isso, militado no Partido Evolucionista, de que o eminente tribuno fôra chefe.

Propositadamente deixámos para o fim a parte activa que tomou, com outros vultos do Partido Republicano, na célebre questão das irmãs de caridade, que aqui se ventilou em 1888, e depois na propaganda feita através o distrito e na imprensa para levar o povo ao convencimento de que só a República tornaria grande e próspera a nação, como, por felicidade nossa, temos obrigação de constatar após o primeiro quarto de século decorrido sôbre o triunfo alcançado em 5 de Outubro de 1910 e a-pezar-dos acontecimentos a que deram origem as lutas desencadeadas entre as diversas facções políticas. Com efeito Albano Coutinho foi, no distrito de Aveiro, um excelente organizador de comissões a que o prestígio do seu nome imprimia coesão, mantendo-as sempre unidas e disciplinadas. Colaborou também no *Democrata*, sendo da sua autoria o artigo do primeiro número, que se intitulava — *República e Monarquia*. Isto em resumo.

ALBANO COUTINHO

Albano Coutinho enterrou-se no sábado, à tardinha, no pequeno cemitério da freguesia aonde teve residência. Lá o fômos acompanhar. Nós e alguns mais que com êle andaram na propaganda do ideal. Nós e aquêles que, de perto, lhe apreciaram as qualidades, o carácter, a honesta conduta. Nós e aquêles que, representantes duma vasta região, como é a da Bairrada, que o saüdoso extinto tanto beneficiou, não se furtaram ao cumprimento dêsse imperioso dever. E por todos falou, e por todos lhe prestou a homenagem a que tinha incontestável direito, e por todos se despediu do morto ilustre o dr. Alberto Souto, que, cheio de emoção, proferiu o seguinte discurso:

Meus Senhores:

Se nêste momento, em vez do funeral de Albano Coutinho se tratasse de festejar a sua ascenção ás cadeiras do poder—a que, no regimen republicano implantado em 1910 êle teria tanto direito—talvez eu praticasse a falta de não me encontrar no meio dos seus admiradores. Mas a minha consciência de antigo companheiro da propaganda, de seu humilde colaborador e de respeitoso amigo, impôz-me o dever de vir junto da sua sepultura prestar-lhe a derradeira homenagem não só em meu nome pessoal, mas por todos os republicanos de Aveiro e do distrito, contemporâneos do mevimento de 5 de Outubro, e ainda por todos os seus colegas e camaradas das côrtes Constituíntes de 1911.

Fui, na verdade, daqueles que mais de perto acompanharam o venerando democrata nos últimos tempos da monarquia, nessa intensa campanha que conduziu á proclamação da República—que conta já um quarto de século!

O seu nome era dos grandes do Partido, fazia parte da lista brilhante dos paladinos da Democracia, dessa pleiade de homens de acendrado patriotismo, de espírito desenvolto e ânimo resoluto que pugnavam pela mudança de instituições exclusivamente para bem da Nação e para completa integreção desta nas grandes correntes das ideas e dos progressos mundiais.

A questão do *Ultimatum* de 90, foi a pedra de toque de fervor patriótico dos republicanos do seu tempo e no meio dessa geração que jámais deixou de reivindicar para o nome de Portugal tôda a grandeza e tôda a dignidade próprias de um povo livre de tão grande passado histórico, Albano Coutinho ocupou um logar de destaque na imprensa, na tribuna, na organisação e na direcção.

É moda agora diminuír a obra e denegrir o pensamento dos homens que fizeram a República; mas em bôa justiça e em bôa verdade não há ninguém que possa afrontar o patriotismo dessa geração altiva e sacrificada, que teve em António José de Almeida o orador máximo e em Guerra Junqueiro o proféta sublime.

O sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, pensador tão ilustre quanto insuspeito no meio das nossas lutas políticas, numa entrevista que deu brado à cêrca-da actual Constituïção, sorriu do nacionalismo pretencioso de muitos que pretendem negar a todos os que do seu crédo não partilham, aquêle patriotismo sincero e ardente que era o orgulho e a bandeira das nossas tradições liberais e democráticas.

Pois nós podemos dizer afoitamente que se em Portugal há nacionalismo verdadeiro, nacionalismo que seja uma expressão completa e não tendenciosa, nem suspeita nem sectária, de amor pátrio e de portuguesismo nato, nacionalismo que visava a valorização de todos os nossos recursos e energias materiais e morais, êsse nacionalismo bebe as suas melhores seivas na ideia republicana que foi a mais digna, ampla e lógica reacção que no final do século passado surgiu entre nós contra o decadentismo da monarquia.

Por outro lado a geração de 1890 e a de 1910 queriam integrar Portugal na corrente democrática e social que começava por dispensar os privilégios dos reis para acabar na lenta, mas progressiva eliminação de todos os privilégios económicos e sociais.

Dignificar a Nação, engrandecer o País, melhorar o Povo, era o lema tácito de todos os obreiros dessa cruzada que derrubou o trono secular e que precedeu, na Europa, a proclamação das repúblicas que hoje se contam de um a outro dos seus extremos.

Albano Coutinho, vigoroso mas circunspecto, decidido mas prudente, ousado mas comedido, aguerrido mas sempre educado e bondoso, foi uma das figuras mais belas dessa falange de precursores que teve a dita de vêr realizados os seus ideais, assistindo à proclamação da República naquêle memorável outubro de 1910.

* * *

Porque com êle falei em repetidos comícios de cujas afirmações ainda hoje não tenho que me arrepender, e porque com êle instalei numerosas comissões políticas, tive ocasião de verificar como a sua figura respeitável, o seu porte distinto, o seu conselho oportuno, a sua palavra sempre afável, fôram motivo de admiração dos que o escutavam e causa do convencimento de muitos que de indiferentes se tornaram dos nossos mais fervorosos adeptos.

O Povo que leu os seus artigos e que escutou a sua voz soube, como êle, amar a Pátria e a República e de tal fórma que o seu nome ainda hoje é respeitòsamente invocado por quantos assistiram às reüniões políticas, cívicas, patrióticas ou instrutivas em que êle tomou parte e que tanto animou com o seu talento, o seu valor moral e o seu exemplo.

Sem enfileirar nunca nas hostes avançadas da República, distanciado mesmo de mim pela divisão partidária dos primeiros anos do regimen, Albano Coutinho não retrocedeu nem apostatou como tantos que não souberam resistir ao despeito que lhes causaram os homens ou as correntes de opinião contrária, nem se assustou também perante a onda de precipícios avançados que vieram abater-se sôbre os povos do velho mundo.

A sua convicção arreigada e serena de democrata susteve-o confiàdamente no pôsto das suas ideias de sempre e assim se manteve firme na sua fé e digníssimo no culto do seu passado honroso de republicano até à morte.

Longe do Poder, estranho às ambições do mando, alheio às intrigas da política, foi singular no aprumo da sua linha moral, na sua atitude de idealista, na correcção dos seus gestos, no comedimento dos seus debates, na lealdade dos seus ataques, na magnanimidade das suas lutas de princípios—um democrata perfeito, um republicano virtuoso, um cidadão exemplar!

Criador do Sindicato Agrícola de Anadia, fundador entusiasta das termas da Curía, estrénuo defensor dos interêsses da Bairrada, antigo membro do Directório do Partido Republicano, primeiro governador civil do nosso distrito sob a Repùblica, deputado à Constituinte de 1911, senador, Albano Coutinho foi em Portugal e entre nós um homem distinto e uma figura de relêvo que marcou e brilhou no seu tempo.

Prestando esta singelíssima homenagem ao seu nome, na hora do seu funeral, creio honrar bem a sua memória, afirmando com a sinceridade e a solenidade que devem presidir a êstes actos: fôram grandes as suas virtudes, mas as suas grandes virtudes fôram as virtudes históricas dos vultos da República e dos paladinos da Democracia Portuguesa, dessa geração distinta, patriota e gloriosa de que êle agora era dos raros sobreviventes e um representante digníssimo.

O Democrata, curvando-se diante das cinzas venerandas do seu antigo colaborador, leal amigo e intransigente republicano, compartilha do luto que envolve sua desolada esposa, a sr.ª D. Francisca Afonso de Almeida Coutinho, sua filha, a sr.ª D. Maria da Piedade Coutinho, seu genro, o sr. dr. Manuel Luís Ferreira Tavares (Cruzeiro) e o neto Francisco Tavares, pedindo a todos que aceitem, como das mais sinceras, as condolências de quantos trabalham nesta casa.

Efemérides

7 de Setembro

1122—O Brasil proclama a sua independência nas margens do Ipiranga.

1757—Nasce Galvani, que na Itália se celebrisou como artista em óperas difíceis.

1891—Dá entrada na Penitenciária de Lisboa o vencido da revolução de Janeiro, Alfredo Manuel Salomé, o *cabo Salomé*, como lhe chamavam, por ter êsse pôsto na guarda fiscal do Pôrto.

1900—Sai em Lisbôa o 1.º número do *País*, em substituição da *Pátria*, de França Borges.

1911—Inaugura-se em Santarém a lápide da capela-jazigo de Pedro Alvares Cabral.

Rainha da Bélgica

Não é novidade, visto ter-se passado na última semana e os diários já o terem espalhado com as minúcias do estilo, que a esposa do rei Leopoldo III morrera num desastre de automóvel quando o acompanhava à Suíça em carro descoberto e por êle guiado.

A soberana, por causa de certa manobra, bateu com a cabeça contra uma árvore, perdendo, assim, a vida.

Triste? Sem dúvida. Mas exactamente porque se trata de uma senhora de alta estirpe, de uma rainha, de alguém que faz falta a sua família, porque era mãe de três criancinhas de tenra idade ainda, e a um povo inteiro, apreciador das suas virtudes, é que nós desejamos acentuar cada vez mais a nossa discordância com os excessos de velocidade.

Têm acontecido já tantas desgracas, tantas, em conseqüência da falta de cautela e de atenção dos motoristas!...

O vôo das aves

Na praia de S. Jacinto o pescador Joaquim Cazeiro apanhou uma gaivina com anilha de aluminio, onde se lia:

Witherly-High Holborn London. M-1152.

INCÊNDIO

No próximo logar de Verdemilho, freguezia de S. Pedro das Aradas, manifestou-se, á 1 hora de terça feira, fogo num palheiro do sr. Manuel Gonçalves Bartolomeu, morador na Rua Conselheiro Queiroz, o qual ardeu por completo.

Foi muito apreciado e elogiado o trabalho dos Bombeiros Voluntários, que evitaram a propagação do incêndio. A Companhia Guilherme G. Fernandes também compareceu, não tendo sido, porém, utilisados os seus serviços.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

O novo regime do pão

Entrou em vigor, mas...

Pois é verdade: o Govêrno, enfrentando o problema do pão, organizou a seguinte tabela de preços para Lisboa e Pôrto:

Pão fino, de pequeno formato, quilo, 3$00.

Fino, formato 500 gramas, 2$60.

Pão de familia (tipo único) 1$00.

Pão de 3.ª 1$60.

Na província os preços são, como princípio geral, reduzidos de 20 cents. em relação aos das duas cidades. E o sr. Ministro da Agricultura explica:

«O novo regimen de fabrico de pão, de abertura e no encerramento de padarias, deve produzir a melhoria de qualidade e um abastecimento mais regular e mais conforme com as necessidades publicas. Tudo se fez dentro do principio do reconhecimento dos legitimos interêsses de cada um e em obediência ao princípio superior do interêsse público. As queixas, tantas vezes formuladas contra a qualidade das farinhas e de pão, tinham a sua razão de ser, **mas apenas nas fraudes praticadas por alguns industriais de moagem e de padarias falhos de escrupulo.** O próprio consumidor, por indiferença e comodismo, não reclamava contra a fraude do pêso e da qualidade do pão, como era seu direito reconhecido e seu dever. Pode dizer-se que por esta forma a protegia e nalguns casos o terá

A excursão dos Olivais a Aveiro

deixou entre os habitantes da cidade as melhores impressões

A nossa terra viveu no domingo mais um dia de extraordinária animação devido ao número de turistas que por ela passaram, especialmente depois da chegada do combóio que, de Lisboa, trouxe os componentes da excursão promovida pela Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense e da qual faziam parte para cima de 500 pessoas.

Á estação fôram aguardar os visitantes duas bandas de música, a Amisade e a de José Estêvão, as duas corporações de bombeiros, os representantes de várias colectividades e bastante povo. Após os cumprimentos e troca de saüdações formou-se um cortejo, que desceu a Avenida Central e parou junto do monumento aos mortos da Grande Guerra para nêle ser depôsto, como foi, um ramo de flôres. Cerimónia simples, mas comovente. A Banda Olivalense executou o hino nacional, os estandartes inclinaram-se e a multidão descobriu-se, mantendo-se concentrada, em recolhimento, por espaço de dois minutos. A seguir os excursionistas dirigiram-se à Câmara aonde os recebeu e lhes deu as bôas-vindas o vice-presidente, sr. Silva Rocha, agradecendo os srs Adelino Mesquita, da União Olivalense, e Artur Queirós, da Federação das Sociedades de Educação e Recreio. Outras visitas ainda se fizeram para retribuïção de cumprimentos, como aos bombeiros, aos clubs e às bandas locais, terminando assim a parte relativa à recepção.

Pelas 17 horas teve lugar, no Jardim, o concerto musical pela Banda Olivalense. Farta concorrência. Execução primorosa do programa, que honrou o regente, sr. Manuel dos Anjos André e os músicos, seus discípulos. Muitas palmas. Nutridas palmas. Calorosas palmas dos circunstantes atentos na apreciação do magnífico conjunto. Isto sem favôr, pois toda a gente reconhece e sabe distinguir, em Aveiro, o que é bom. Não lhe regateamos, também, os nossos aplausos, estimando que, de triunfo em triunfo, chegue a atingir o máximo.

Os excursionistas demoraram-se entre nós até segunda-feira à noite pelo que tiveram ocasião de vêr e gosar, sem pressa, as delícias desta região da Beira litoral.

Na nossa Redacção esteve um grupo composto dos srs. Adelino Fernandes Mesquita, Artur Queirós, Adelino e Alberto Mesquita, Óscar Laborde Aldim, Manuel Vaz Ferreira e esposa, a sr.a D. Lúcia Estela Laborde Vaz Ferreira e Henrique César Codina ao qual foi oferecido um cálice de vinho do Pôrto e que, transmitindo-nos as suas impressões, nos convenceu de que se achava satisfeito. Era o principal animador dêsse grupo o segundo dos mencionados excursionistas a quem os cabelos brancos ainda não alteraram a bela disposição de espírito demonstrada em todas as suas atitudes e que deixou nesta casa, assim como os seus companheiros, a mais grata recordação.

O dia de segunda-feira aproveitaram-no os olivalenses para passeios aos arrabaldes da cidade, indo muitos logo de manhã para as praias do Farol e Costa Nova aonde permaneceram quási até à hora do combóio. Êste partiu às 21,42, entre aclamações à cidade de Aveiro, pedindo-nos o sr. Adelino Mesquita, que entregou 100 escudos para a *Gôta de Leite* e 80 para a *Sôpa dos Pobres*, que sejâmos o intérprete do reconhecimento da Sociedade aos aveirenses pela fórma carinhosa como foi recebida.

O Democrata agradece também à União Olivalense o ter escolhido Aveiro para o seu passeio anual e faz ardentes votos pelas contínuas prosperidades da prestante colectividade.

Necrologia

Após prolongado e doloroso sofrimento finou-se na madrugada de domingo a sr.a D. Maria La-Salette Ferreira da Maia que, durante muitos anos, exerceu com a maior proficiência, o magistério na escola feminina da Glória.

Muito modesta e recatada, vivia quási exclusivamente para as suas alunas a quem dedicava extrema afeição.

O funeral da extinta, que contava 49 anos e era irmã do sr. dr. Francisco de Assis Maia, professor do Liceu de José Estêvão, realizou-se no mesmo dia, de tarde, com extraordinária concorrência, organizando-se desde a sua residência, no bairro piscatório, até o cemitério central, diversos turnos. Da chave da urna foi portador o sr. dr. João Joaquim Pires, reitor do nosso primeiro estabelecimento de ensino.

As nossas condolências.

* * *

Também deixou de existir em idade avançada, Guilhermina Dias Limas, cujo cadáver foi sepultado no cemitério novo.

Era viúva

---

feito indirectamente. Agora mesmo, parece indiferente ás intenções do govêrno no sentido do barateamento do pão e da melhoria da sua qüalidade.»

Terminando assim:

«De um modo especial são advertidos os industriais de moagem e de panificação de que se tomarão as medidas que forem necessárias, seja qual fôr a natureza e conseqüências, para compelir ao cumprimento da lei os que tantas vezes têm vivido á margem dela e de que se confiará à Manutenção Militar o encargo de abastecimento de pão das qüalidades tipos legais se tanto fôr necessário.

Desta forma, julgo que todos ficarão esclarecidos.»

Muito bem. Mas nós é que continuâmos a não perceber nada disto ou seja de farinhas e de pão. Porque o caso é êste: o pão baixou; o que se comprava por 20 centavos veio para 15. Mas o tamanho... O que vem para nossa casa é como as castanhas piladas!...

E ainda reclamam os industriais de panificação, afirmando ser-lhes impossível a manutenção dos preços estabelecidos!

Palavra de honra: cada vez percebemos menos.

Bôlsa de Mercadorias do Pôrto

Aos Agricultores

Está a funcionar a Bôlsa de Mercadorias do Porto, organismo criado especialmente pelo Govêrno com o fim de facilitar aos agricultores a colocação dos seus produtos na praça do Porto.

Assim, teem os agricultores na Bôlsa de Mercadorias do Porto o local oficial e próprio para efectuar as suas vendas aos melhores preços do mercado, com toda a segurança e mediante o pagamento de taxas bastante reduzidas.

Como os negócios são efectuados por intermédio de corretores e por amostras, não teem necessidade de se deslocar ao Porto nem de mandar para lá os produtos, sendo apenas necessário enviar amostras e indicar:

— quantidade,
— preço mínimo de venda,
— local onde a mercadoria se encontra,
— estação do caminho de ferro mais próxima a utilizar,
— prazos de entrega e pagamento.

As garantias dadas pelo Estado às operações de Bôlsa constituem um motivo forte para os agricultores venderem, de preferência, os seus produtos na Bôlsa de Mercadorias do Pôrto.

Todas as informações sobre o modo como funcionam os serviços de Bôlsa podem ser pedidas à secretaria, Palácio da Bôlsa — Pôrto.

Melancias e melões

—o—

A abundância dêstes frutos das hortas tem sido êste ano extraordinária pelo que o seu preço é também assaz diminuto.

Da Murtosa chegam todos os dias barcos carregados, vendo-se no meio de tanta fartura melões de descomunal pêso e tamanho.

Há, porém, uma diferença: nem tudo constitue especialidade.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.a D. Maria Luisa da Cruz Lima, gentil filha do sr. Alvaro da Rosa Lima, funcionário do Ministério da Marinha; no dia 9, o sr. António Coelho Huet da Silva, filho do industrial sr. Eduardo Coelho da Silva; em 10, a sr.a D. Maria de Jesus Mesquita Ferreira Dias, residente em Barcelos e o sr. Pompeu Alvarenga; em 11, a sr.a D. Maria Teresa Tavares da Silva, dilecta filha do sr. José Tavares da Silva, proprietário em Lisboa e o sr. dr. Jaime Duarte Silva, distinto advogado na comarca; em 12, o sr. José de Oliveira Ferreira, empregado na filial da Caixa Geral de Depósitos e a inocente Herminia Augusta Mendes, filha do sr. Augusto Santiago Mendes, de Sangalhos e em 13, a sr.a D. Maria Teixeira Lopes, prendada filha do sr. tenente Acácio Lopes.

—Também na terça-feira completou 20 risonhas primaveras a sr.a D. Argentina Pereira Campos, simpática filha do sr. Henrique Pereira Campos.

Os nossos parabens.

Casamentos

Na igreja de S Gonçalo efectuou-se, segunda feira, o consórcio da menina Maria do Ceu Trindade Ferreira, interessante filha do comerciante sr. António Ferreira, com o sr. Januário Moreira, 2.º sargento de Cavalaria 8.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e tia, a sr.a D. Virginia Trindade, professora oficial, e pelo noivo, a sr.a D. Maria da Conceição Pallos Rosário e o sr. dr. Alberto Ruela.

—Em Fátima teve lugar no mesmo dia o enlace matrimonial da sr.a D. Armінda Berta Lopes, gentil filha do sr. Emilio Lopes, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, com o sr. dr. Carlos Rodrigues Limas, professor do Liceu.

Paraninfaram, por parte da noiva, sua avó paterna, a sr.a D. Cândida Augusta Lopes e o sr. António Calheiros; e pelo noivo, sua mãe e o sr. dr. Lourenço Peixinho.

Na corbeille viam-se prendas de valor e fino gosto.

Os noivos seguiram para o Estoril em viagem de núpcias.

—Com a sua colega, sr.a D. Lassalette Gomes Braga, estabelecida em Eixo, também se uniu, domingo, pelos laços do matrimónio, o sr. dr. José Augusto Gois, director técnico da Farmácia Central, da Rua dos Mercadores.

Serviram de padrinhos, no registo civil, a sr.a D. Teresa Marques da Silva Soares e seu marido o sr. dr. José Maria Soares, major-médico de cavalaria 8.

A' cerimónia religiosa, celebrada, quarta-feira, em Eixo, seguiu-se o habitual copo de água, findo o qual os recem-casados partiram para o sul.

— Igualmente casou, quarta-feira, com a sr.a D. Julieta Carvalho dos Reis, professora oficial, o furriel Diamantino Dias, de infantaria 19.

Testemunharam o acto os srs. capitão Diamantino Moreira e Raúl de Sá Seixas.

—Ante-ontem consorciou-se com a menina Armandina de Oliveira e Sousa, o sr. Joaquim Pinto Prêda Prata, empregado no Centro Comercial de Aveiro, L.a

Por parte da noiva serviram de padrinhos seu irmão o sr. António Tavares de Sousa e a sr.a Maria Tavares e pelo noivo a sr.a D. Luciana Driz Ribeiro de Castro Ramos e seu marido o sr. Anibal Ramos, comerciante da nossa praça.

Após a cerimónia religiosa, na igreja de S. Gonçalo, teve logar, em casa dos pais da noiva, um lauto jantar a que assistiram numerosos convidados

—Civilmente também na quinta-feira se realisou o casamento da sr.a D. Joana Virgínia Luísa Pinto da Rocha e Cunha, dilecta filha do sr. Silvério da Rocha e Cunha, capitão de Mar e Guerra, com o sr. dr. Alberto Rafael Amorim de Lemos Marques Mano, que há pouco concluíu a sua formatura em Direito.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, seu pai e a sr.a D. Leonor Alves Machado da Cruz e pelo noivo seus pais a sr.a D. Cristina Marques de Campos Amorim de Lemos e o nosso velho amigo dr. Manuel Pereira Amorim de Lemos, juiz de Direito, aposentado, de Oliveira de Azemeis.

Aos novos lares, infindas venturas.

—Ainda sobre o enlace da sr.a D. Alice Taborda e Costa, dilecta filha do sr. Henrique Rodrigues da Costa, de Sarrazola, com o sr. Justino de Almeida Moura, devemos acrescentar que muitas e valiosas prendas lhes foram oferecidas, como se poderá calcular por êste enunciado:

Do noivo á noiva, um colar antigo em brilhantes; da noiva ao noivo, uma abotoadura, em platina, com brilhantes; do pai da noiva a esta, um faqueiro completo em prata; da mãi da noiva á filha um aderesse em pérolas e brilhantes; do pai da noiva ao noivo, um alfinete de gravata com solitário; do avô da noiva á noiva, um envelope fechado e uma salva de prata antiga; do avô da noiva ao noivo um alfinete de gravata com brilhante; dos pais do noivo ao noivo um subscrito fechado; da mãi do noivo á noiva 3 colchas chinesas.

A' noiva foram oferecidas mais as seguintes prendas:

Dos seus padrinhos, um centro de mesa, em prata, com plateau em espelho; da tia D. Alice Taborda, um anel com pérola e brilhantes; do tio António Emidio Taborda, esposa e filho, um relógio de mesa em pau santo e prata; do tio José Taborda e esposa, um serviço de almoço em prata; do tio Manuel Maria Taborda e esposa, um serviço de essencias e um chemin de table bordado; dos tios Major Afonso Lucas e esposa, uma caneca para água em prata; da tia D. Aida Taborda, um guarda-joias em cristal e prata; dos tios D. Eduarda Souto de Almeida e marido, uma bilheteira em cristal e prata; dos primos Dr. Adriano Gomes e esposa, um espelho com moldura em prata lavrado; dos primos D. Maria Eugénia Souto Cruz e marido, uma saladeira em cristal e prata e um fruteiro em prata lavrada; dos primos Eduardo d'Almeida Souto, esposa e filhos um plateau em prata repoussé; dos primos Vicente Souto, Henrique Souto, Maria Augusta Souto, Emília Souto de Carvalho e marido, Alice Souto d'Almeida Portugal e marido, um serviço de almoço em prata; dos primos Maria Luiza Taborda Serrano e marido, um talher para peixe; dos primos Helena de Albuquerque Souto e filhos, um serviço de talher trinchante, dôce e peixe; da prima D. Cândida Taborda, uma moldura em pau santo e prata; dos primos D. Maria Amélia Gomes Simões e marido, um fruteiro em prata; de suas primas D. Ana Cesarina d'Almeida e irmãs, um bomboniêre em louça e bronze; da sua amiga D. Maria Virgínia Tomaz, da Costa, um centro de mesa em prata lavrada com plateau em espelho; de D. Maria Cândida Couceiro da Costa, uma caixa para costura em pau santo e prata; das suas amigas D. Adelaide Marta Marques da Costa e filhas, um espelho com moldura de prata lavrado; da sua amiga D. Leonor Nunes da Silva Pile e marido, 2 jarras em prata; de D. Herminia d'Almeida e marido, uma bilheteira em prata; de Henri d'Almeida e esposa, um estojo com colhéres de chá em prata; do sr. dr. Fernando de Beires Nunes da Silva e esposa, uma caixa em prata para pó de arrôz; de Fernando Nunes da Silva, 6 lavabos em metal (Orientais); do sr. Dr. Tomaz d'Aquino Tavares de Sousa, um candieiro em pau santo com o abat jour em prata; de Celestino da Mota Mesquita e esposa, um fruteiro em cristal e prata; de D. Henriqueta d'Almeida Gonçalves e marido, uma canéca em cristal e prata; do sr. Dr. Manuel Nunes da Silva, um lavabo em prata lavrado; de Miss Machey, um galheteiro em cristal e prata; de D. Adélia Silva, uma riquissima toalha de chá com rendas de bilros; de D. Lucília d'Almeida Torres, um serviço de talher para pasteis, dôce e peixe; de D. Adelaide Bastos, um pulverisador em cristal; de D. Maria dos Prazeres Menezes Saraiva de Sá, um alfineteiro em cristal e filigrana; D. Conceição Dias, uma jarra em louça; D. Ilda Horta, uma toalha de chá em linho bordada, trabalho seu; de Rosa Cunha e marido, um espelho em prata; de Maria Cunha, um calendário em pau santo e prata; de João Simão Costa, uma colher para pasteis em prata; de Ludovina Marques, um bomboniè e em louça; de Victoria Pardinha, uma caixa para joias em pau santo e prata; de Lidia Simões, um pár de argolas para guardanapo em prata; das suas antigas creadas Adelina Miranda e Maria do Céo Cordeiro, uma grande salva de prata; da ama Guilhermina Marques, uma salva de prata; da antiga creada Maria de Jesuz Váz, uma moldura em pau santo e prata; da creada Belmira, um par de argolas para guardanapo em prata; das creadas Francelina e Maria, uma bandeja e uma jarra japonesa; de Aurora e M.a Rosa, um par de jarras em prata; do creado António Dias, um tan-tan em metal; de Maria Cancela, um bomboniè e em cristal; de Maria Crêspo, pano branco; da creada Olinda, uma caixa de pau santo e prata; da Joalheria Sampaio, uma salva em prata para as alianças; da Joalheria Reis, uma jarra em prata; de D Odette Lopes uma almofada e do sr. Manuel Emídio da Cunha Sotto Mayor, um título de 10 obrigações da Companhia Colonial do Buzi.

O noivo também recebeu mais: dos padrinhos, um serviço de almoço em prata; do irmão Joaquim d'Almeida Moura e esposa, um relógio de sala em bronze com corda para 400 dias, da irmã D. Virgínia d'Almeida Moura Ribeiro e marido, uma salva de prata; do irmão Virgílio d'Almeida Moura, um tinteiro e um espelho em pau santo e prata; do irmão Carlos d'Almeida Moura, uma jarra em cristal e prata; do primo Dr. Padre João Homem de Figueiredo, um relógio em pau santo e prata; do primo Carlos Homem de Figueiredo, um pár de argolas para guardanapo em prata; da sobrinha e afilhada M.a Adelaide Moura, uma caixa para gravata em pau santo e prata; da sobrinha Maria da Conceição de Moura Ribeiro, uma estatueta; de José Manuel Lopes e esposa, um espelho redondo em pau santo e prata; D. Odette Andrée Lopes, um par de argolas para guardanapo em prata; do sr. padre Izidro Lemos, uma salva de prata e de Roger Malarrney, um pisa papeis em mármore negro e prata.

Praias e Termas

Com suas familias encontram-se na Costa Nova, os srs. tenente Joaquim de Matos, Eduardo Coelho da Silva e António da Maia, comerciante na capital.

—No Furadouro também, com seu marido e filhos, está a sr.a D. Ester Resende Lopes Godinho, professora oficial em S. Martinho da Gândara.

—Na praia do Farol veraneiam os srs. António Carvalho da Silva e Artur Amador, tendo já dali regressado a Oliveira de Azemeis, o sr. Artur Casimiro da Silva.

—Para Entre-os-Rios também seguiu o sr. Artur Lobo.

Partidas e Chegadas

Anda em digressão pelo estrangeiro, contando visitar alguns dos principais paises da Europa, o sr. engenheiro Moniz de Freitas, director das Estradas do Distrito de Aveiro.

— Com sua esposa e filhos chegou da Beira (A'frica Oriental) onde estêve alguns anos, o nosso conterrâneo Silvio de Sousa Moreira, que vem de bôa saúde e optimo aspecto.

Afectuosos cumprimentos.

Doentes

Recolheu á cama por se sentir incomodado, o activo industrial João Aleluia, da importante fábrica de louças e azulejos que tem o seu nome.

Desejâmos-lhe pronto restabelecimento.

Coisas e tal...

Há coisas... e tal... que os turistas vêem em Aveiro e não deviam vêr. Direi com mais precisão: há coisas em Aveiro que se não deviam continuar a mostrar aos visitantes. Ou melhor: há coisas que são um escândalo continuarem a mostrar aos nossos hóspedes pela incúria que representam.

Vou indicar algumas dessas coisas. Vejâmos:

— Os tapumes da Rua Coimbra. *Sem comentários...*

—As retretes para senhoras, na Praça Luiz Cipriano, sem uma empregada!

Já nesta secção chamei a atenção de quem pontifica nêste serviço, mas... nada!

As senhoras continuam a não poderem servir-se daquela casa, sem risco de indecoroso espectáculo. Parece impossível que uma falta tão fácil de remediar e de tão urgente necessidade, ainda continue sem solução—para vergonha nossa.

— A muralha das obras do cais, na base da Avenida.

E' de um mau gôsto flagrante, e — como diziam os latinos—se errar é próprio dos homens, *não custava nada reconhecer que aquilo foi uma gafe, ou uma distracção ao examinar o plano e o seu efeito, e portanto a rectificação não seria desprimor.*

E' que não há ninguém a quem a obra não cause pasmo e um certo riso, que nos vexa.

— As teias de aranha no altar e na figura do Senhor dos Passos da igreja de S. Domingos.

Não seria mau que as devotas rezassem menos padre-nossos e olhassem para aquêle desmazêlo. Se não lhes merece respeito como o que representa a dentro de uma igreja, merece a todos respeito como obra de arte, porque é uma admirável escultura. Com umas visitas que acompanhava, entrei naquêle templo para mostrar a citada imagem, na passada semana. Fiquei logo desmoralisado porque poderia esperar tudo, menos aquela vergonha. E' caso para dizer: em primeiro lugar, lavem o corpo, e então, depois, a alma. A devoção é tanta que não deixa vêr o pó e as teias de aranha sôbre as imagens que veneram!

— A placa da Comissão de Turismo na parede do Teatro Aveirense!

Já que a dita Comissão não resolve substituir aquilo, eu peço licença para propôr que, em cima, sejam acrescentadas mais as seguintes palavras:

Aqui Jaz!

— O pavilhão do Parque, fechado aos domingos!

Mesmo sem chá, sem bolos, sem refrescos, ao domingo é que nunca deveria fechar.

Maravilhoso turismo! Bela impressão do turista, quando lhe apontam essa casa de porta fechada... E afinal era tão fácil torná-la útil e agradável para quem viaja.

Não poderá a Comissão de Turismo conseguir uma verba de 400 ou 500$00 por ano, para cobrir um possivel débito de exploração? Póde ensinar-se como isso se consegue, e a consulta é gratuïta. E é gratuïta porque toda a gente sabe: falta só quererem e pôr em prática.

—A vergonha do nosso Teatro!

Francamente, francamente: a Direcção do Teatro não tenciona ainda fazer limpeza àquelas paredes, àquêle mobiliário, àquilo tudo?! Então vamos entrar em outra época de inverno na mesma espelunca? E' assim que exigem que o público continue a dar os 5$00, sem qualquer espécie de confôrto?

Não é só a fita que vale. E' também o resto, e o cinêma em, Aveiro, é caro, muito caro — caríssimo!

Os filmes correm todo o país e os preços variam, segundo as casas onde são passados.

Pois não há pior nem mais caro que em Aveiro. E' uma honra! Pois com honra e tudo, bom será que aquilo se modifique para que deixe de ser uma deshonra para a cidade. Arranquem aquelas passadeiras de aspecto mais que duvidoso. Comecem por uma ponta. Limpem, pintem, modifiquem a plateia. Livrem os espectadores de pneumonias. E depois... exijam-lhes os 5$00 porque, fazendo-lhes essa exigência, honram, então, a cidade, e nós poderemos levar, sem vergonha, as visitas ao Teatro.

Ac.

Crónica da Farolândia

Podemos dizer com afoiteza que o *Baile das Chitas* foi um documento vivo do tradicional bom gôsto, que é a feição típica das festas da Farolândia.

As irmãs Z. fôram incansáveis, embora ajudadas pelas D. e outras meninas e ainda pelo dr. A. F., J. Z., H. E. P., J. C. A., L. E. R., A. P., F. F., etc., mas, em compensação, toda a mocidade deveria ter ficado satisfeitíssima pelo êxito da sua festa.

É certo que houve alguém — e até a imprensa se fez éco de tal acusação — que protestou contra a *exploração* — nem mais nem menos! — do preço dos bolos do *bufete*! E, todavia, no primeiro baile fôram aquêles vendidos por preços mais elevados e... não houve reclamação alguma! É que se desliza, com grande facilidade, para... a absorpção dos bolos, e, quando chega a altura do seu pagamento, é que... são elas.

De resto é preciso ter sempre em vista que a Assembleia não se construíu com... palavras, nem se mantém com... palavras!

O salão estava todo decorado com magníficas chitas antigas, amàvelmente fornecidas, quási todas, pelo dr. A. F., que pendiam elegantemente das paredes, umas separadas à láia de *panneaux* improvisados, outras juntas, rematando-se a ligação com uma enorme e berrante papoila artificial e ainda outras postas como sanefas.

As dez potentíssimas lâmpadas, artisticamente *camarfladas* debaixo de grandes e garridas papoilas, também artificiais, vincavam uma maior alacridade à policromía dos adornos e ao polimorfismo, rico de colorido e de elegância, dos vestidos de chitas das senhoras.

Parece impossível, como de tão simples e desprezados tecidos se conseguiu imprimir uma tão característica nota de bom tom e distinção! Póde afirmar-se que não havia ninguém que desfeiasse esta expressão totalitária de agrado, esta versão de delicada emoção. Entre outras *toilettes*, lembra-nos as das S., T., Z., D., F, G.; M. P. e irmã; D. S. e cunhadas, M. S. G; M. R. G.; L. S.; C. M. L. e tantíssimas outras que a nossa memória teimòsamente esconde nos seus refólhos.

A festa decorreu numa atmosfera de quente entusiásmo, embora êste amodorrasse, por vezes, talvez porque o *Jazz Talàbriga* encurtasse a duração dos seus números musicais, ainda que fôssem sempre excelentemente executados, como aliás, é costume.

Desta vez, o fulcro das juvenís atenções femininas foi deslocado para os três garbosos aspirantes a oficiais, que honròsamente sustentaram o renôme cavalheiresco da Escola Militar, dansando e conversando sempre animàdamente. E, para findar, seja-nos lícito prestar homenagem aos famosos *abat-jours de canudos*, triunfo ornamental do primeiro baile da Assembleia, em honra dos quais foi composta até uma samba pelo nosso N. e S. e cuja letra, que começa por: *Que Canudo!...* foi cantada por todos no referido baile e, mais tarde, nas diversas excursões do mês de agosto; música, na verdade, alegre, expressiva, agitada, que muito honra o seu autor, embora represente uma brincadeira.

Mas voltemos aos decaídos *abat-jours*. Desceram, coitados, de categoria, ainda que substituídos — e bem — pelos das papoilas a que já acima fizemos alusão.

Repelidos do salão nobre, fôram-se refugiar nos corredores! Aqui, fica, porém, consignado, o seu encómio! Desventurados *canudos* que tanto brilharam e que tanto que fazer deram a tanta gente, como se diz na cantiga da samba!

Sic transit gloria canudorum! E com esta latinada me vou, deixando para a futura crónica ainda algumas referências a esta festa e à descrição do baile da *Nally*.

1 de setembro de 1935.

IGNÓTUS

Excursões

Continuamos anotando as que, desde sabado, passaram nesta cidade e se tornaram conhecidas pelos nomes dos seguintes grupos:

Os Lusitanos, Os 7 desaparecidos, Os pouca sorte, Bom trato e descanso, Os 7 alcoolicos, Os Parreirinhas, Os que Passam Fome, Liga Pró Copo, Os 6 Unidos, Os 18 amigos da Copofonia, de Lisboa; *Os Aguias da Abrigada*, de Alenquer; *Os Serranos*, de Arcos de Val-de-Vez; *Os Calados e os Historicos*, do Porto; *Os 20 Vimaranenses*, de Guimarães; *Os Mascotinhos*, de Braga; *Excursionistas Confraternisação Familiar*, da Covilhã; *G. E. Valonguense*, de Valongo e *Os Mal Entendidos*, de Viana do Castelo.

Secção agrícola

A colheita do milho

Não pretendemos fazer nêste artigo a descrição dos processos de colheita do milho adoptados no país, mas tão sòmente mencionar um outro problema com tal questão relacionado e cuja análise se nos afigura útil.

1.º *A melhor época de colheita* — Tem a maior importância saber-se em que estado de maturação é mais conveniente proceder-se à colheita. Sabe-se hoje, por fórma indiscutível, que a maçaroca amadurece melhor na planta do que após ter sido separada desta quando ainda não completamente madura; sabe-se também que uma colheita prematura causa uma muito apreciável quebra de rendimento. Postas assim as coisas, conclui-se imediàtamente que, a-fim-de se obter o máximo rendimento em grão, a escôlha só se deve fazer depois das maçarocas terem atingido a completa maturação. Esta é revelada, pràticamente, pelo estado de completa aparência de secura do côlmo e das camisas das maçarocas, e ainda pelo exame de alguns grãos que devem, estando bem maduros, mostrar resistência a deixarem-se partir pelos dentes. Por vezes sucede que, por escassearem muito as forragens para o gado, convém que a colheita se antecipe, visto dessa fórma ser possível obter maiores quantidades e melhor qualidade de forragem. E' então necessário estudar bem se essa vantagem compensa ou não a possível baixa de produção do grão. Como norma geral, póde, porém, assentar-se na conveniência de colher as maçarocas completamente maduras.

2.º *Processos de colheita* — O processo que consiste em colher maçarocas à mão deixando os côlmos no terreno, é pouco ou nada adoptado no nosso país e, no entanto, apresenta diversas vantagens, entre as quais as seguintes: *a*) maior facilidade, maior rapidez e mais económica; *b*) possibilidade de os restôlhos serem consumidos pelos gados no próprio terreno, o que é de grande conveniência nas explorações que tenham um avultado efectivo pecuário.

Como dissémos, o processo corrente entre nós não é êste, mas sim o que consiste em fazer a colheita dos côlmos com ceifa e excepcionalmente com ceifeira mecânica.

A' colheita seguem-se as operações conhecidas por *desfolhadas* ou *descamisadas* e tem por função separar as maçarocas das plantas e livrá-las dos seus envólucros. Como regra, o processo tradicional de efectuar estas operações, e as alegres festas a que dá lugar, são de molde a produzir um trabalho profícuo e de rendimento económico pelo que não há melhorias técnicas a aconselhar. Todavia, em certas regiões de grande cultura, pódem usar-se, com vantagem, processos mecânicos de descamisa. A' descamisa segue-se a secagem e depois a debulha que só se deve efectuar após uma secagem eficaz, motivo porque são imprescindíveis, especialmente nas regiões do norte onde a colheita é mais tardia, instalações apropriadas para essa secagem.

O emprego das máquinas destinadas a efectuar a debulha (descaroladoras) apresenta as maiores vantagens, em virtude da sua rapidez e economia e da perfeição do seu trabalho. Existem variadíssimos tipos dessas máquinas, alguns dêles tão simples, de tão fácil manejo e tão económicos que estão ao alcance dos mais modestos agricultores.

Correspondencias

Costa do Valado, 5

O *Jazz-Pimenta*, desta localidade, que o mês passado foi tocar a um concurso, obteve o 3.º prémio. Uma honra para êle e uma honra para a Costa que os seus componentes têm sabido elevar, apresentando-se com o devido aprumo.

Muitos parabens.

— Como de costume veio aqui passar o mês de setembro acompanhado de sua esposa e filho o nosso amigo sr. António Marinheiro, empregado na importante fábrica de borracha Luso-Belga, de Lisboa.

— Igualmente veio da capital com demora de algumas semanas o nosso conterrâneo Alberto Vendeiro.

— Fez anos a filha mais velha do nosso amigo Avelino Garcia.

C.

Oliveirinha, 5

Acha-se publicado o programa das festas que, em honra da Senhora da Guia, se realisam sábado, domingo e segunda-feira no vizinho logar da Granja, constando dele, além do culto interno e da procissão, os arraiais, nocturno e diurno, que serão animados pelos jazes do Pinheiro e do Troviscal, que, alternadamente, farão ouvir os seus variados reportórios.

Pelas 17 horas proceder-se-há ao sorteio dum leitão assado, que será logo entregue ao portador do bilhete premiado — se estiver pago.

De contrário chucha no dêdo...

— Adoeceu o filho mais velho do sr. Angelo Ferreira, residente no Marco.

Estimâmos as suas melhoras.

C.

Eixo, 4

Realiza-se no próximo domingo 8 no lugar de Horta, desta freguezia, a festa a St.ª Bárbara, padroeira do mesmo lugar, a qual constará de missa solene, sermão, procissão e arraial.

Assiste a banda Eixense.

— Consorciaram-se ultimamente: João Francisco Carlos com Maria Eduarda Fernandes Costa; Sebastião Martins Barbosa com Rosa Ferreira da Costa e Sebastião da Costa Figueiredo com Lia dos Santos Morais.

— Os lavradores estão algo desanimados com a falta de chuva pois a agricultura sofre bastante com isso.

— Faleceu repentinamente a sr.ª Maria Dias dos Santos, de 55 anos, casada com o sr. José Ferreira das Neves. Teve um funeral bastante concorrido, no qual se encorporou também a banda local.

C.

Barra, 1

Antes de mais nada um assunto que interessa todo o publico desta praia e que exige providencias imediatas de forma a terminar-se com uma situação sob todos os pontos de vista inadmissivel.

Além de muitas vezes se esgotar o *stock* dos selos á venda na Repartição do Correio, esta não faz registos, o que causa serios transtornos a quantos dêles precisa, pois terão de ir a essa cidade faze-los, o que, alem do encomodo, implica uma despeza desnecessária, quando existe uma repartição postal aqui.

Para este facto chamamos a atenção do chefe dos serviços a quem solicitamos sejam tomadas providencias no sentido de se atender ás exigencias do público, que não pode continuar vivendo nesta situação.

Esperamos ser atendidos.

— Junto de muitos prédios, alguns dêles dos melhores, amontoam-se resíduos de toda a casta, que as creadas das famílias que nêles moram ali depositam. Além do cheiro nauseabundo que essas montureiras espalham, oferecem ao visitante e ao próprio banhista, mais ou menos já habituado a observar tais porcarias, oferecem ao visitante, dizíamos nós, um espectaculo pouco honroso por indicativo da falta de higiene que aqui não devia haver.

Solicitamos aos donos e moradores dêsses prédios as ordens precisas às suas serventes no sentido de obstar a que tal habito continue a envergonhar-nos.

— O tempo prejudicou muito as corridas de domingo, reduzindo imenso a concorrencia.

Na verdade fazia um vento insuportavel e um calor de respeito.

C.

Doenças dos olhos

Acham-se suspensas no Hospital da Misericórdia desta cidade, até 13 de Outubro, inclusivé, as habituais consultas, aos sábados pelos srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, especializados em doenças dos olhos.

Casa na Barra

Com 10 divisões, instalação electrica, quintal, garage e outras dependências, vende-se. Facilita-se o pagamento.

Tratar com Francisco Pinto de Almeida, nesta cidade ou naquela praia.

1.000$00

Perdeu se esta quantia, no último sábado, desde a Rua 31 de Janeiro até à Avenida Central.

Gratifica-se quem a entregar na nossa Redacção.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdencia

Casa de Crédito Popular

Agencia n.º 45 — AVEIRO

Avisam-se os mutuarios que a partir do dia 14 do próximo mez de Outubro, se procederá á venda em leilão dos penhores que caucionam os emprestimos efectuados que tenham um atrazo de juros de mais de 3 mezes.

A Agencia receberá juros em divida até àquela data.

Repartição da Casa de Crédito Popular, 30 de Agosto de 1935.

O Director de Serviços

(a) *Francisco Cordeiro*

Casas com quintal

Vendem-se em praça pública, no dia 8 de Setembro, pelas 17 horas, caso o preço convenha ao vendedor, as que ficam situadas na Rua de S. Sebastião, em frente às Barreiras.

São conhecidas pelas *Casas das Alminhas*.

Palhas

Bandeiras de milho, folhelho, feno e palhas de trigo, de centeio e de arroz — vendem-se aos melhores preços do mercado.

António Martins Alberto — Golegã.

Cozinheira habilitada com prática de pensões, oferece-se não se importando ir para fóra da terra. Falar na Rua Cândido dos Reis, 68.

Casa na Rua do cais

Arrenda-se a parte do prédio onde esteve instalado o consultório da Ex.ma Sr.ª Dr.ª Jovita de Carvalho e uma outra no mesmo andar com 4 divisões, podendo servir para escritório.

O rés-do-chão que se compõe de um armazem com 28m de comprido, tem ao fundo mais 3 divisões e pequeno quintal.

Para tratar no mesmo.

Taberna

Passa-se nesta cidade, num bom local, muito afreguesada, por também fornecer comida.

Nesta Redacção se informa.

Êste número foi visado pela Censura

A fechar

—

—Que horas são, ó Quim?
—São horas de me pagares aqueles dez escudos que te emprestei.
—Palavra de honra que não julgava que fôsse tão cêdo.